

Bruxo por um dia



Para quem não conhece o espiritismo é fácil confundi-lo com práticas estranhas e absurdas. Para quem o conhece, absurdo é confundi-lo com essas mesmas práticas. Venha ver conosco um caso curioso que nos mostra como a informação é importante para a vida das pessoas.

O dia era normal como um outro qualquer. Tínhamos sido convidados para um programa na rádio abordando o espiritismo ou doutrina dos espíritos, numa cidade a sul do Tejo. A expectativa era grande, pois estavam a fazer publicidade em spots radiofónicos frequentes, com o objetivo de aumentar a audiência. Aceitámos o convite, já que o espiritismo, nos seus aspectos científico, filosófico e ético/moral, afigura-se-nos como a doutrina mais completa que conhecemos, a nível de informação holística sobre a vida, mostrando-a em todos os seus matizes, seja deste lado da existência seja no mundo espiritual. Daí a vontade e a alegria de falar sobre estes assuntos, ao verificar da sede de saber, de conhecimento, que as pessoas têm de um modo geral, acerca deste tipo de matérias, como a vida para além da morte e as relações existentes entre o mundo espiritual e o mundo corporal.

O programa era de grande audiência pois um dos locutores é bastante conhecido no panorama radiofónico nacional. A outra locutora era desconhecida e estava bastante receosa (segundo informação do seu colega de realização) acerca do assunto e da pessoa que viria falar de espiritismo. Quem seria ela? Como apareceria? Como correria o programa? Que perguntas teria de lhe fazer? Enfim um rol de questões que se lhe colocavam perante uma atividade inédita para ela, neste caso em pauta.

**Falámos da imortalidade da alma, tantas vezes cantada pelas religiões
mas nunca provada, até ao momento em que o espiritismo aparece
em 1857, provando experimentalmente a imortalidade do ser**

Chegámos, fomos recebidos com cortesia e simpatia e não pudemos deixar de sorrir quando amigavelmente o nosso amigo locutor nos informa com um sorriso nos lábios que na rádio havia um certo frenesim, onde inclusive a diretora da mesma já tinha perguntado várias vezes pelo bruxo, se ele já tinha chegado. Rimos a valer com tal expressão, sabendo das confusões que geralmente as pessoas fazem. Como o tema ia ser «O espiritismo» as pessoas que o desconheciam, pensavam que iria aparecer um bruxo, especial, com certos paramentos ou roupas esquisitas e com um ar superior. Quando viram que o «bruxo» esperado era apenas um ser humano normal houve de momento uma pequena desilusão seguida de um sentimento de espanto e de alegria: afinal os espíritas são gente normal, gente como eles, pessoas que sentem, riem, choram. Rimos com a situação, e esta pequena história pitoresca não deixou de ser um rico ingrediente para a entrevista que se seguiria.

Começámos a entrevista radiofónica e as perguntas sucediam-se a tal ritmo, os telefonemas surgiam em catadupa que a hora reservada ao evento pareceu encolher para quinze minutos. Falámos da imortalidade da alma, tantas vezes cantada pelas religiões mas nunca provada, até ao momento em que o espiritismo aparece em 1857, provando experimentalmente a imortalidade do ser. Falámos da comunicabilidade dos Espíritos, da esperança que a vida encerra, das provas dessa comunicabilidade, falámos da reencarnação e de como a moderna psiquiatria está a descobri-la em laboratório, da pluralidade dos mundos habitados e da existência de Deus. Falou-se ainda da mediunidade ou percepção extrasensorial que vai aparecendo um pouco por todo o lado como que a chamar o homem para novas realidades que terá de valorizar. Pessoas que telefonavam colocaram as suas questões e experiências próprias e ficou no ar uma sede enorme de saber que é preciso saciar.

**O espiritismo ou doutrina espírita, que é algo de muito sério,
um movimento cultural muito amplo e que só a má fé ou desconhecimento
pode emparelhá-lo com a superstição, crendice e quejandos.**

A jornalista inicialmente receosa com o tema e com o «bruxo», estava desejosa de continuar com a entrevista mas o tempo estava a finalizar. Ficou a promessa de novos programas em novos moldes, quiçá sob a forma de debate público, aproveitámos o ensejo para oferecer um exemplar da obra magistral de Allan Kardec «**O Livro dos Espíritos**» e afinal tinha terminado o meu reinado de «bruxo» por um dia.

Pudemos constatar que entre o público ficou a ideia real do que é o espiritismo ou doutrina espírita, que é algo de muito sério, um movimento cultural muito amplo e que só a má fé ou desconhecimento pode emparelhá-lo com a superstição, crendice e quejandos.

Ficou bem esclarecido que o espiritismo nada tem a ver com anúncios em jornais prometendo a cura de tudo e mais alguma coisa a troco de dinheiro, e que quem assim se afirma espírita,

no jornal, prometendo curas e soluções de todos os problemas, não é espírita e como tal é charlatão ao afirmar-se como tal.

Terminado o evento pude regressar a Caldas da Rainha, tinha terminado o meu curto reinado de «bruxo» na mente daquelas pessoas e tinha voltado à condição normal de ser humano, igual aos demais, com um emprego, com família, com alegrias e tristezas, mas com uma diferença: a de gostar de estudar, praticar e divulgar, sempre gratuitamente, a doutrina espírita como uma ideia altamente consoladora que ajuda-nos a entender a vida e que nos diz quem somos, de onde vimos e para onde vamos.

Bibliografia:

«O Livro dos Espíritos», Allan Kardec;
Sítio na Internet: www.adeportugal.org

Publicado por José Lucas em [8.12.09](#)